

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

DOMINADOS IMITANDO SEUS DOMINADORES

A assembléia avaliava a caminhada do mutirão. Há três anos, as famílias ocuparam a área, na maior disposição. Fizaram barracos, foram se desmobilizando após os dias heróicos e agora era aquela pasmaceira. Voltou o individualismo; não poucos sucumbiram à mentalidade mercantilista do passa-passa de barracos e lotes. Seres humanos quebrados equilibrando-se nos mesmos trilhos em que correm seus dominadores. Solidariedade de classe? União dos pobres entre si? Os perigosos serem devorados se organizando para resistir? Ora, é mesmo cada um por si e o negócio é levar vantagem em tudo!

Na avaliação, repetiu-se uma cena usual. Os pobres se acusando mutuamente. Pobre pichando pobre. Os pobres atribuindo seus males aos outros pobres. Inimigo do pobre não é o rico dominador, mas o outro pobre. E por aí afora, as pessoas projetando nas outras os sentimentos desvalorizados de si mesmo. Quebra-se aí a cadeia que puxa os oprimidos do abismo. Racha-se a força capaz de libertá-los, a união dos pobres. Desfaz-se a saída possível do Egito e o caminho possível para a terra prometida. Pobre gosta mesmo é de rico, a quem imita e de quem se torna subserviente, na maior felicidade.

Para os pobres desunidos e desorganizados, valem reflexões sobre o Evangelho de João. Na busca de transmitir quem é Jesus, João apela para as realidades concretas da vida. Parece o evangelista mais "teológico". No entanto, é o que define Jesus como Pão, Luz, Água viva, Amor, União entre os homens. Tudo concreto e essencial, para que haja vida plena. Não há vida sem pão e água, comida e bebida. Não há vida plena sem luz, sem amor e união. Estas coisas andam escassas, sumidas, porque alguns apoderam-se de tudo

e deixam os outros sem nada; só na queixa e na revolta. Está quebrada a unidade do Povo de Deus. Grande parte deste Povo tem mais razões de odiar do que de amar. As injustiças impostas aniquilam condições e possibilidade das pessoas se amarem e viverem unidas.

O evangelista João apresenta Jesus como Comida e Bebida que alimenta para a Unidade. Abram seu evangelho e leiam o discurso final de Jesus, antes da Paixão e Morte, os capítulos 14 a 17. Páginas e páginas encheadas com a mais bela apologia da unidade entre os homens. Em cada frase, com outras palavras, parece que é uma coisa só que ele pede aos seus discípulos: que todos sejam um, como Ele e o Pai são um só. Eis o infalível antibiótico que cura brigalhadas. Jesus, no momento supremo da existência, não pede ao Pai que sejam certos, donos da verdade, os que estão com a razão, mas que sejam unidos, que demos o testemunho da unidade. É mais evangélico ser fraterno e unido do que ter razão e ser dono da verdade.

A substituição das divisões pela fraternidade se dá através de processo histórico. Nenhum milagre vai acontecer, para substituir a luta humana, necessária à implantação da justiça fraterna. O advento da Justiça Evangélica é proporcional à união organizada do Povo de Deus. É sendo um, como Jesus e o Pai, que o Povo de Deus cria força para fazer a Justiça, botar a injustiça para correr. Daí: crê no Deus da Bíblia, encontra lugar em seu Projeto de fraternidade, entende a essência do Evangelho todo aquele que deixou para trás a brigalhada e descobriu a luminosidade amorável da união entre os homens, feitos por Deus irmãos entre si. E se colocou a serviço da unidade e da alegria. (F.L.T.)

LINHAS PASTORAIS

CONSEQÜÊNCIAS DO NOSSO BATISMO

• O batismo nos integra no mistério do Povo eleito de Deus, no mistério do corpo místico de Cristo, no mistério da Páscoa, que é cruz e ressurreição. Há no batismo, assim entendido, uma dimensão comunitária e eclesial indiscutível. Somos participantes da comunhão dos santos (cf. Credo), em todos os seus aspectos.

• Uma conseqüência prática: a vida nova, que começamos ou deveríamos ter começado pelo batismo. Uma vida marcada da graça. Uma vida marcada de Jesus Cristo. Mas nem por isto deixamos de ser pessoas fracas, sujeitas ainda e durante a vida inteira aos desafios da tríplice matriz do pecado: Tudo o que há no mundo — concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba de vida — não vem do Pai, mas procede do mundo" (1Jo 2,16).

• A vida inteira nos queixamos com Paulo: "Para que não me orgulhe, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me esbofetear e impedir que eu me orgulhe. Por isso, três vezes roguei ao Senhor que o afastasse de mim. Mas ele me disse: Bas-

ta-te minha graça, porque a minha força se desdobra na fraqueza. De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que repouse sobre mim a força de Cristo" (2Cor 12,7-9).

• No entanto é tão grande a confiança de Paulo no mistério da Páscoa — cruz e ressurreição, morte e vida — que pode dizer, para nosso exemplo: "É por isso que me alegro nas fraquezas, nas injúrias, nas perseguições, por amor de Cristo. Pois quando estou fraco, é então que sou forte" (2Cor 12,10).

• Encontramos nessas palavras do Apóstolo o eco da última bem-aventurança: "Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados serão vocês quando os ultrajarem, perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vocês, por causa de mim" (Mt 5,10-11).

• O mistério da cruz não é somente sofrimento externo, vindo de quem nos odeia vindo da própria Igreja. É também e sobretudo os sofrimentos internos de nossa própria fraqueza e de nossas tremendas limitações.

IMAGEM DISTANTE

1. Foram apenas dez léguas que o P. Chico andou, desde cedinho, para chegar cedo na Canabrava. Mas chegou. Suado. Cansado. Assim mesmo disposto a fazer os batizados e os casamentos. Quantos são, seu Zeca? Seu Zeca, o fiel sacristão diz que eu acho que são uns setenta batizados e trinta e cinco casamentos. Bendito seja Deus, suspira o P. Chico. Na capela de S. Benedito a confusão das crianças, as conversas animadas dos padrinhos e madrinhas, os noivos tentando imitar roupas e modos da cidade, tudo regado a muito suor.

2. O padre diz que vai trocar a roupa. Daqui a pouco volta, de batina, pra se meter na confusão dos setenta e tantos batizados. Seu Zeca ajuda-o na pesada tarefa de pôr em ordem os matutos dóceis, mas difíceis de compreender. Pouco afeitos a disciplina complicam o trabalho de seu Zeca. A ordenação dos bons desordeiros durou quase uma hora de relógio. De manhã só os batizados, gente. Casamento, de tarde ou de noite. Afinal, começa a celebração do batizado, uma roda enorme na frente da capela. Silêncio? Muito relativo.

3. Apesar de todos os esforços de pais e padrinhos, de mães e madrinhas, as crianças choram a pleno vapor. Os padrinhos vão conversando também, é verdade que baixinho, sobre chuva, sobre o verão, sobre o feijão e milho. Num calor de rachar. Pra agravar a situação o P. Chico entra de latinório. Como era de praxe. Olha as crianças indóceis e os padrinhos distraídos e pergunta: "Quid petitis ab Ecclesia Dei?" (O que é que vocês pedem da Igreja de Deus?). Enchendo o peito, seu Zeca responde pelas crianças e pelos padrinhos: "Fidem" (A fé). O senhor sabe latim: Seu Zeca responde que sei alguma coisa, com a graça de Deus. (A.H.)

• No entanto, apesar dos ataques do Maligno — lembremo-nos do último pedido do Pai-nosso: "mas livrai-nos do Mal/do Maligno", a consciência viva do nosso batismo nos ajuda a não desanimar, nos ajuda a resistir, na força de Jesus Cristo, contra todo o pecado. E se pecarmos, nos ajuda a encontrar, com a graça do Espírito Santo, a ressurreição para a vida.

• A santidade está, não tanto em levarmos uma vida santa, sem qualquer fraqueza, mas sobretudo em ressuscitarmos sempre de novo para Jesus Cristo e para a vida nova. Novamente Paulo: "Onde foi abundante o pecado, muito mais abundante foi a graça de Deus" (Rm 5,20).

• A vida do homem é um processo dinâmico singular. Somente Deus pode compreender o que somos. Peregrinamos para o Absoluto de Deus através do relativo das criaturas. Daí por que não podemos julgar ninguém, nem sequer a nós mesmos, com um julgamento final. Estamos nas mãos de Deus. Estamos assim em absoluta segurança. (A.H.)

3º DOMINGO DO TEMPO COMUM (21-01-1990)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Avulsos.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



Minha alegria é estar perto de Deus!

1. Porém agora estarei sempre convosco, / porque vós me tomastes pela mão.
2. Porém agora cantarei a vossa glória, / como um povo consagrado ao vosso amor!

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém!

S. Irmãos a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus Pai e a Comunhão do Espírito Santo permaneçam com todos vocês.

P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no amor de Cristo.

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Ser sal da terra e luz do mundo: eis o desafio ao qual somos chamados na liturgia de hoje. Jesus nos convida a sermos anunciadores do Evangelho. O anúncio da conversão é a razão da sua existência no meio de nós.

4 ATO PENITENCIAL

S. Pelo batismo, o cristão deve ser luz do mundo. Seguindo o exemplo de Jesus, a igreja deve também trabalhar em função da libertação do homem. Por isso, peçamos perdão a Deus pela nossa omissão. (Pausa para revisão de vida).

P. Confesso a Deus todo-poderoso / e a vós, irmãos, / que pequei muitas vezes / por pensamentos e palavras / atos e omissões / (batendo no peito) por minha culpa, minha tão grande culpa. / E peço à Virgem Maria / aos Anjos e aos Santos / e a vós, irmãos, / que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados, para que, andando em sua Luz, cheguemos à vida eterna.

P. Amém!

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós!

S. Cristo, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós!

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós!

5 GLÓRIA

S. Glória a Deus nas alturas,

P. E paz na terra aos homens por ele amados!

S. Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso.

2 — A Folha — Nº 942

P. Nós vos louvamos, nós vos bendizemos!

S. Nós vos adoramos, nós vos glorificamos.

P. Nós vos damos graças por vossa imensa glória!

S. Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito.

P. Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai!

S. Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

P. Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica!

S. Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós.

P. Só vós sois Santo!

S. Só vós o Senhor.

P. Só vós o Altíssimo Jesus Cristo com o Espírito, na Glória de Deus Pai, Amém!

6 COLETA

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso, ajudai-nos a dirigir nossa vida de acordo com os ensinamentos de vosso amor. Vivendo como vosso Filho viveu, colheremos, junto com nossos irmãos, os frutos da justiça fraterna, da amizade e da paz. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. Através do que é pequeno, fraco e marginalizado, é que Deus realiza o seu projeto.

L. Leitura do livro do profeta Isaías (9,1-4) — Como o primeiro tempo trouxe humilhação para os territórios de Zabulon e Neftali, assim o segundo tempo reabilitou a estrada do Mar, a Transjordânia e o distrito das nações. O povo que andava na escuridão, viu brilhar uma grande luz. Os habitantes do país das trevas viram resplandecer sobre si a plena luz. Fizeste crescer o júbilo, aumentaste a alegria: eles fazem festa na tua presença à maneira dos que se alegram na colheita, à maneira dos que se rejubilam na distribuição dos despojos. Pois a canga que o machucava, o pau que feria seus ombros, e a vara do seu capataz tu os fizeste em pedaços, como na jornada libertadora de Madiã. — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

O Senhor é minha Luz e minha Salvação.

Sl. 1. O Senhor é minha luz e salvação / de quem eu terei medo? / O Senhor é a

proteção da minha vida / perante quem eu tremerei?

2. Ao Senhor eu peço apenas uma coisa / e é isto que eu desejo: / habitar no santuário do Senhor / por toda a minha vida.

3. Sei que a bondade do Senhor eu hei de ver / na terra dos viventes. / Espera no Senhor e tem coragem / espera no Senhor!

9 SEGUNDA LEITURA

C. O dever do cristão é fazer unidade, estimulando o encontro e a união, não fazendo divisões fechando-nos em si mesmo.

Leitura da Primeira Carta de São Paulo Apóstolo aos Coríntios (1,10-13,17):
“Eu lhes peço, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo: guardem a concórdia e não admitam divisões! Estejam bem unidos no mesmo espírito e no mesmo pensamento! Meus irmãos, algumas pessoas da família de Cloé contaram-me que há brigas entre vocês. Vou me explicar. Cada um anda dizendo: “Eu sou de Paulo!”, ou “Eu sou de Apolo!”, ou “Eu sou de Cefas!”, ou “Eu sou de Cristo!” Por acaso Cristo está dividido? Será que Paulo foi crucificado por vocês ou vocês foram batizados em nome de Paulo? Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar o Evangelho, e isto sem recorrer à eloquência, a fim de que não perca a sua força a cruz de Cristo!” — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Salve Cristo, Palavra da Vida / o Evangelho que vens anunciar. / É fermento, é luz, é semente, / que na terra logo vai brotar. É fermento, é luz, é semente, / que na terra logo vai brotar...

Sl. Jesus pregava a Boa-Nova, o Reino anunciado / e curava toda espécie de doença entre o povo.

11 EVANGELHO

C. Para seguir Jesus, é necessário conversão, decisão, desprendimento e abandono em Deus.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (4,12-23).


P. Glória a vós, Senhor!

S. “Ao saber que João tinha sido preso Jesus voltou para a Galiléia. Deixou Nazaré e foi morar em Cafarnaum, que

fica às margens do mar da Galiléia, nos confins de Zabulon e Neftali, para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: "Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, região do outro lado do Rio Jordão, Galiléia dos que não são judeus! O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; e, para os que viviam na região escura da morte, uma luz brilhou". Daí em diante, Jesus começou a pregar, dizendo: "Convertam-se, porque o Reino do Céu está próximo". — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

* 12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

 S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra / e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / onde está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

* 14 ORAÇÃO DOS FIEIS

S. A palavra do Senhor é Luz para a vida. Peçamos a Deus que ela ilumine o nosso caminho:

L1. Pelos Pastores da Igreja, para que a luz de Cristo brilhe em suas obras e anunciem a todos o Reino de Deus, rezemos:

P. Senhor, atendei-nos.

L2. Pelos anunciadores do evangelho, para que se deixem converter pela Palavra do Senhor e se tornem testemunhas dignas de fé, rezemos:

L3. Por todos nós que ouvimos a palavra de Salvação, para que possamos acolher com alegria o evangelho e ver os frutos de conversão que ela produz, rezemos:


(Outras intenções da comunidade...)

S. Enviai, Senhor, o vosso Espírito de Justiça, para que vossa palavra transforme nosso coração e renove nossa vida por Cristo nosso Senhor.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS

 Sabes, Senhor, o que temos é tão pouco pra dar / mas este pouco, nós queremos com os irmãos compartilhar.


1. Queremos nesta hora, diante dos irmãos / comprometer a vida, buscando a união.

3 — A Folha — Nº 942

2. Sabemos que é difícil os bens compartilhar / mas com a tua graça, Senhor, queremos dar.

3. Olhando o teu exemplo, Senhor, vamos seguir, fazendo o bem a todos, sem nada exigir.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

 S. Orai irmãos para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.


P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para glória de seu nome / para o nosso bem e de toda Santa Igreja.

S. Ó Deus, acolhei com bondade as oferendas que vos apresentamos. Que elas sejam santificadas e nos tragam a salvação. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.


P. Amém!

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA


(Prefácio próprio):

 (A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

 P. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte, / enquanto esperamos a vossa vinda.

18 CANTO DA COMUNHÃO

 Só tem lugar nesta mesa pra quem ama e pede perdão / só comunga nesta Ceia quem comunga na vida do irmão...

1. Eu tive fome e não me deste de comer. / Eu tive sede e não me deste de beber.

2. Fui peregrino e não me acolheste / injuriado e não me defendeste.


3. Fui pequenino e quiseste me pisar. / Da ignorância não quiseste me livrar.

4. Eu nasci livre e quis viver em liberdade. / Fui perseguido só por causa da verdade.

5. Pra ser feliz eu quis amar sem distinção. / Só por orgulho tu não foste meu irmão.

6. Eu vivi pobre mas lutei para ser gente. / Fui sem direito de levar vida decente.

19 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Oremos: Ó Deus, vós nos iluminastes pelas palavras do Evangelho e nos fortalecesteis pela presença do vosso Filho. Queremos mostrar nossa gratidão pela vossa bondade, seguindo o exemplo de vosso Filho, nosso Mestre e Salvador, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade).

C. "Convertam-se! Venham e me sigam!" Jesus chama à mudança do nosso ser, agir e pensar, para sentirmos o convite de anunciar o Reino que está próximo.

21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém!

22 CANTO DE SAÍDA

Jesus Cristo é Luz do mundo: Cristo é nossa luz! / Jesus Cristo é Luz dos Povos: Cristo é nossa luz!

1. Quem viver na sua luz / para os céus caminhará. / Conduzindo a sua Cruz / junto a Ele vai morar.

2. Tendo sempre a sua graça / nossa vida se enriquece. / Neste mundo tudo passa / sua Palavra permanece.

3. Quem quiser viver com Cristo / e andar no bom caminho / é formar comunidade / salvação não tem sozinho.

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: 2Sm 5,1-7.10; Sl 89; Mc 3,22-30. /

3ª-feira: 2Sm 6,12b-15.17-19; Sl 24; Mc

3,31-35. / 4ª-feira: 2Sm 7,4-17; Sl 89; Mc

4,1-20. / 5ª-feira: (Conversão de S. Paulo)

At 9,1-22; Sl 117; Mc 16,15-18. / 6ª-feira:

2Sm 11,1-4a.5-10a.13-17; Sl 51; Mc 4,26-34.

/ Sábado: 2Sm 12,1-7a.10-17; Sl 51; Mc

4,35-41. / Domingo: Sf 2,3; 3,12-13; Sl 146;

1Cor 1,26-31; Mt 5,1-12a.

DIVISÃO DE TRABALHO NA TRIBO

Valéria Rezende

No interior das TRIBOS, a DIVISÃO DE TRABALHO por sexo e idade vai ficando mais permanente do que nos BANDOS. Nas aldeias, as mulheres cuidam da casa, dos filhos e preparam a comida. Também se dedicam a fabricar em comum objetos de madeira, cerâmica e palha. Os homens, por outro lado, vão se dedicando mais permanentemente a capturar animais selvagens, conduzir os rebanhos em busca de novos pastos, caçar e pescar, lavar a terra, etc.

Nos BANDOS, a economia era *recíproca*, quer dizer: baseada em trocas livres e espontâneas entre as pessoas. Nas TRIBOS, principalmente de agricultores, a economia passa a ser *redistributiva*, quer dizer: baseada na redistribuição da colheita entre os membros da TRIBO. Vão então começar as primeiras diferenças sociais.

Nos BANDOS, todos eram iguais. Não havia diferenças sociais entre os homens. Nas TRIBOS, começam a existir as primeiras diferenças de funções e de importância entre as pessoas. A necessidade econômica de redistribuir a colheita entre os indivíduos de uma TRIBO faz com que apareçam pessoas especialmente encarregadas desta função. Com o tempo, essas pessoas vão adquirindo mais *prestígio* que as outras.

Nas TRIBOS, os homens passam a produzir mais do que são capazes de consumir. Quer dizer que, nas TRIBOS, ao contrário dos BANDOS, começa a haver EXCEDENTE ECONÔMICO. Para facilitar o trabalho na agricultura e para armazenar a produção excedente, os homens e as mulheres das TRIBOS fabricam novos objetos para lavar a terra e guardar os mantimentos. Constroem enxadas de pedra e de madeira, cestas, potes de cerâmica, etc.

Eles desenvolvem assim novas técnicas e aumentam sua capacidade de produzir. Com isso, produzem muito além do necessário para a sobrevivência da TRIBO. Resultado: aumenta ainda mais o *excedente econômico*. E as TRIBOS vão ficando economicamente cada vez mais fortes do que os outros grupos. Apesar dessas diferenças principais, tanto os BANDOS como as primeiras TRIBOS continuam tendo uma coisa em comum: nesses dois tipos de sociedade, não existe ainda desigualdade econômica. Não existem pobres nem ricos. Nas primeiras TRIBOS, como nos BANDOS, não havia *classes sociais*. Não havia OS DE CIMA nem OS DE BAIXO. Quer dizer: não existia a PIRÂMIDE!

Mas como apareceu a PIRÂMIDE? Com o passar do tempo, muitas TRIBOS foram crescendo. Devido a esse aumento de população e à descoberta de novas técnicas e de novos instrumentos de produção, aumentou bastante o EXCEDENTE ECONÔMICO das primeiras TRIBOS. Quer dizer: aumentou a produção de bens que não eram consumidos imediatamente pelos indivíduos.

A primeira grande DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO, acarretando o aparecimento do EXCEDENTE ECONÔMICO nas sociedades primitivas mais avançadas, trouxe porém duas consequências principais. PRIMEIRA CONSEQUÊNCIA: começou a haver uma CONTRADIÇÃO entre as TRIBOS RICAS — que possuíam mais excedentes — e as TRIBOS POBRES, os grupos mais atrasados, que não possuíam nenhum excedente.

E a SEGUNDA CONSEQUÊNCIA: dentro de cada TRIBO, começou a haver uma CONTRADIÇÃO entre aqueles que se apropriaram de uma parte maior do excedente e aqueles que não possuíam nada e tinham que trabalhar diretamente todo dia, para sobreviver. Foi por causa disso que foram aparecendo os primeiros ESCRAVOS, na história dos homens.

VIVER EM CRISTO

O INÍCIO DA PREGAÇÃO DE JESUS

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Neste 3º Domingo do Tempo comum, temos a 1ª perícopa do Evangelho de São Mateus, que iluminará a Assembléia eucarística durante este Ano A.

Hoje, Jesus apresenta-se e inicia sua missão. Depois do Batismo no Jordão, Jesus volta para Nazaré, na Galiléia e, em seguida, vai morar em Cafarnaum, cidade junto ao Lago de Genesaré, por onde passava uma importante estrada "a caminho do mar", ligação entre diversas nações. Jesus escolhe um lugar estratégico para iniciar sua atividade missionária.

Ele é apresentado como grande luz (cf. Ev., Mt 4,12-23) de que fala Isaías na 1ª leitura (cf. Is 9,1-4). Esta leitura descreve a esperança do povo da Galiléia pela libertação da ocupação assíria e a instauração do reino da liberdade e da paz pelo novo rei. Mateus vê esta realidade realizar-se em Jesus Cristo:

"O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz, aos que jaziam na região sombria da morte, surgiu uma luz" (Mt 4,16). Esta alegoria deve invadir toda a humanidade no encontro com o Messias Salvador.

É aí, no caminho do mar, junto ao Lago, que Jesus começa a pregar e a dizer: "Convertei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus" (Mt 4,17). Da pregação em geral, Jesus passa ao convite pessoal: Segui-me e eu vos farei pescadores de homens. Eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram". São eles Pedro e André. Tiago e João, além da barca, deixam também o pai, para seguir a Jesus e ajudá-lo a anunciar o Evangelho do Reino.

E Jesus "percorria as cidades da Galiléia, ensinando em suas sinagogas, pegando o Evangelho do Reino e curando toda e qualquer doença ou enfermidade do povo".

Resumindo, temos os seguintes elementos: Jesus apresenta-se como luz dos povos; inicia a pregação do Reino, exigindo conversão; chama os primeiros discípulos, que o seguem; percorre as cidades, pregando e curando as doenças e enfermidades do povo.

Esta mensagem dirige-se também a cada Assembléia eucarística, a nós, hoje. Seremos Pedro, André, Tiago e João? Estamos dispostos não só a ouvir a boa-nova, mas a atender à proposta de conversão? Esta conversão consistirá em tornar-nos discípulos de Cristo, em segui-lo, em participar do anúncio da boa-nova do Reino, por palavras e por ações; consistirá em "guardar a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja divisões" (cf. 2ª leitura, 1Cor 1,10-13.17); consistirá em participar da obra de Cristo, sem esperar pelos resultados.

BÍBLIA: BIBLIOTECA OU RESTAURANTE?

Carlos Mesters

O método do povo no uso da Bíblia, se é que se pode falar em método, não prima pela coerência interna nem pelo raciocínio, mas se aproxima mais do método da livre associação das idéias. Eles vão falando, livremente, associando idéias, textos, fatos e situações, conforme surgem no pensamento, sem que se veja o nexo lógico. "A ambiência em que vive o nosso povo dispensa insistir muito sobre conceitos.

É possível que lhes falem noções claras do sistema de crenças da Igreja oficial. Mas ninguém duvida de que seu universo seja impregnado de fé, por mais que seja inadequada a expressão desta fé, embarçada por conceitos inassimilados (e inassimiláveis). A palavra brota-lhe cávida de realidade, palpitante de vida, densa de concretude. Daí a facilidade com que inventa expressões, o desembaraço das associações, a riqueza de imagens, a liberdade do falar, do gesto refletindo como, para ele, palavra e ação se casam".

Para o padre ou exegeta que só conhecem o método da coerência e da lógica, tal interpretação, feita na base da livre associação de idéias e imagens, parece não ter nexo nem coerência nem consistência. O povo parece querer construir casas com tijolos soltos, sem prumo, sem massa, sem planta, sem rumo. Mas isso é só impressão nossa, por julgarmos o povo com os nossos critérios.

Na realidade, o povo não quer construir casas, isto é, não quer elaborar sistemas ou sínteses racionais, não quer construir "teologias" disso ou daquilo; ao menos, este não é o objetivo do seu método. O método do povo é diferente: tem outra raiz, segue outro caminho e tem outro objetivo, porque outra é a visão da vida e da Bíblia, que está por detrás do método.

Nós, exegetas e padres, estamos muito preocupados com o conteúdo do pensamento da fé. Temos a preocupação com a ortodoxia. O exegeta quer saber qual o sentido que o texto tem em si, qual o fundamento his-

tórico da fé. O caminho por onde ele anda para chegar a este objetivo é o método histórico, literário e filológico.

O método do povo não visa aprimorar o conteúdo do pensamento da fé, mas tende a re- vigorar a sua raiz, para que possa nascer o fruto na vida. O povo não quer saber tanto qual o sentido que o texto tem em si, mas sim qual o sentido que o texto tem para a sua vida hoje. Quer saber o que Deus nos tem a dizer hoje, por meio da Bíblia. Quer conhecer a vontade de Deus, para poder colocá-la em prática. Tem a preocupação com a ortopraxis.

A raiz onde o povo pensa é melhor do que a raiz de onde procede o método da exegese tradicional, aprendida nos seminários. O conteúdo do pensamento do povo pode ter as suas falhas. Muito mais grave, porém, é um conteúdo certo, nascido e alimentado por uma raiz viciada. É como galho cortado da árvore. Não produz fruto.